

## A PINTURA EGÍPCIA

### – A MENSAGEM DO ETERNO MOMENTO PRESENTE

---

*Sílvia Fernandes*

Num mundo onde viver significa mudar a cada instante e criar é apenas mais um verbo para designar mudança, não podemos deixar de ficar fascinados com a durabilidade alcançada pela arte egípcia. Através dela somos transportados para um tempo onde o homem vivia os ritmos da Terra e não procurava, desesperadamente, realizar a sua obra no menor espaço de tempo possível. A espiritualidade, a crença na natureza e a certeza de que os deuses podiam ser a chave para a eternidade, levaram o homem egípcio a construir uma civilização forte e duradoura que se espelha na arte e na vontade de que esta seja o seu testemunho para todo o sempre. É neste espaço temporal, onde o hoje se confunde com o ontem e com o amanhã, que surge uma arte que ficou gravada no tempo e na História, assim como na pedra.

Num tema genérico que fala de tempo, temporalidades e durações foi esta permanência que fez brotar a ideia desta comunicação. Face a um tema tão vasto, que nos levaria a encetar uma longa caminhada, decidimos focar apenas a pintura egípcia. E porquê a pintura ?

Para além da beleza que lhe é inerente, o tema da pintura transporta-nos realmente ao imaginário egípcio que procurou, através de todos os meios possíveis, ganhar a eternidade. Se por um lado, a arquitectura e escultura alcançaram esse objectivo devido ao facto de utilizarem um material que, por si só, é permanente e comporta a ideia de durabilidade,

por outro lado, a pintura utiliza, para além da pedra que é o seu suporte, a cor obtida através de pigmentos que, apesar de serem perecíveis, perduraram no tempo até hoje, continuando a veicular a mensagem de eternidade tão característica da civilização egípcia. Para além disto, a pintura transporta consigo toda uma simbologia que nos permite reviver a cada instante todos os passos e caminhos dessa eternidade tão almejada pelos egípcios. A cor, os números, as formas, os materiais, os hieróglifos foram os meios encontrados para relatar a viagem eterna e, ainda hoje, quando os olhamos estamos a contribuir para que a magia volte a acontecer.

Perceber a simbologia egípcia é, no entanto, uma tarefa audaciosa porque os símbolos podiam ser usados para revelar, invocando aspectos importantes da realidade, mas também para esconder, através da limitação do público que os podia compreender<sup>1</sup>. Por outro lado, e talvez como resultado de uma vivência de contrastes e dualidades, a maioria dos simbolismos utilizados são ambivalentes existindo para um mesmo símbolo várias interpretações possíveis. Por exemplo, a pena pode ser utilizada para simbolizar o ar ou o deus do ar, Shu, mas também pode ser interpretada, em contexto diferente, como Maat, invocando todos os conceitos de justiça, ordem e verdade<sup>2</sup>.

Assim, para entender a pintura egípcia, e num todo mais abrangente a arte egípcia, é preciso saber interpretar a mensagem escondida por detrás de cada imagem. Primeiro que tudo teremos de compreender que, para além de uma simbologia inerente à pintura propriamente dita, há uma simbólica mais específica: a da sua localização. A localização do espaço era de extrema importância para os egípcios que, embora não conhecendo com muito detalhe a geografia que os rodeava, tinham uma concepção clara do mundo. No centro deste mundo encontrava-se o Egipto, país constituído por uma série de contrastes entre o Norte e o Sul e que era povoado por um vasto número de lugares míticos e sagrados, como por exemplo Abidos, a cidade ligada ao culto de Osíris e em cujo solo se acreditava encontrar o túmulo deste mítico rei-deus. Estes lugares encontravam-se repletos de templos que, por sua vez, estavam profusamente decorados com pinturas, baixo-relevos e estátuas.

---

<sup>1</sup> Vd. WILKINSON, R. H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, Londres, Thames and Hudson Ltd, 1994, p. 8.

<sup>2</sup> Vd. WILKINSON, R. H., *Reading Egyptian Art – A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, Londres, Thames and Hudson Ltd, 1992, p. 103.



Ao olharmos com atenção a localização dessas pinturas dentro do espaço sagrado, podemos encontrar alguns simbolismos ligados ao tema. Por exemplo, do lado Sul das paredes do templo encontramos várias vezes a presença de elementos directamente conotados com aquela parte do território como sejam a flor de lotús, o faraó utilizando a coroa branca ou o símbolo da deusa Nekbet, a deusa associada ao Alto Egipto. O mesmo se passa com as paredes Norte dos templos onde podemos encontrar o papiro, o símbolo da deusa Uadjit e o faraó envergando a coroa vermelha, elementos característicos do Baixo Egipto.

Paralelamente, a localização das pinturas nos templos, sobretudo nos de carácter funerário, tem uma forte relação com o tempo. Através de diferentes representações, as paredes dos edifícios funerários apresentavam a jornada diária de Ré<sup>3</sup>, o deus solar, que surgia a Oriente e ao anoitecer iniciava a sua luta no mundo subterrâneo, a Ocidente, contra as forças da desordem. Uma jornada que, simbolicamente, era também levada a cabo pelo defunto que esperava alcançar a eternidade.

Outro aspecto simbólico no mundo das representações egípcias é, sem dúvida, o da dimensão dos objectos, figuras e imagens. No Egipto antigo, este jogo de dimensões reflectia as suas concepções sobre os diferentes elementos que constituíam o Universo.

Assim, e dado que o mundo fora concebido e criado pelos deuses, que posteriormente deram vida aos homens, o divino era sempre representado numa escala superior à de todos os outros componentes ou intervenientes numa imagem. E apenas um homem podia ser colocado no mesmo plano dos deuses, o faraó. Filho dilecto da divindade, ele surgia aos olhos do homem egípcio como um deus que, na terra, levava a cabo um reino justo, baseado em Maat, e próspero, de acordo com a vontade de seus pais.

A harmonia alcançada nas representações de deuses e homens, onde as escalas respeitam um princípio de importância e hierarquia, parece ser quebrada quando, ao olharmos as pinturas, encontramos figuras do mundo subterrâneo, tal como vinham descritas no *Livro dos Mortos*<sup>4</sup>, isto é, com dimensões verdadeiramente assustadoras. Talvez tenha sido esta a forma, encontrada pelos egípcios, de relatarem o desconhecido e de

---

<sup>3</sup> Vd. WILKINSON, R. H., "The paths of Re: Symbolism in the Royal Tombs of Wadi Biban el Moluk", *KMT* 4.3, São Francisco, 1993, pp. 42-51.

<sup>4</sup> Vd. TRINDADE LOPES, Maria Helena (trad.), *O Livro dos Mortos do Antigo Egipto*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, cap. 149, pp. 216-221.

darem corpo aos seus maiores receios tornando, ao mesmo tempo, mais grandiosa a luta que Ré encetava diariamente no mundo subterrâneo, vencendo sempre a serpente Apófis e devolvendo, ao mundo, a paz e a harmonia.

Na dimensão podemos ver, ainda, a marca do tempo. Um tempo que em épocas de paz permite construir grandes monumentos a deuses e faraós, decorados com cenas relatando feitos realizados tanto por uns, como por outros<sup>5</sup>, mas procurando sempre a eternidade de uma civilização que se considerava “divina”.

O universo da cor é, num mundo onde tudo, aparentemente, tem um significado mágico, um outro tópico que devemos explorar para compreender melhor a eternidade da pintura egípcia.

Para os antigos egípcios a cor fazia parte da essência do objecto representado pois, para além de atribuir vida e individualidade a uma imagem, era concebida como fazendo parte da sua natureza, do seu ser. Esta concepção expressava-se mesmo, ao nível do léxico, na medida em que a palavra que, em egípcio, designava “cor” (*iwn*) podia, em contextos diferentes, ser traduzida por “aparência externa”, “natureza”, “ser” e “carácter”<sup>6</sup>. Esta relação íntima da cor com a natureza dos objectos não limitava a criatividade do artista egípcio que também a usava por razões puramente estéticas.

Por outro lado, a concepção de um mundo espelhado em contrários que se completavam (Norte/Sul, rio/deserto, vida/morte), e sem os quais não existiria uma pacífica convivência com o Cosmos, estava também presente na essência dos objectos representados e, por isso, na sua cor. Assim, uma mesma cor podia ser associada a conceitos à primeira vista e, sobretudo para um leigo, dicotómicos. Por exemplo, a cor preta podia ser associada à noite, à morte e ao sub-mundo mas, paradoxalmente, ser símbolo da ressurreição dos mortos e até da fertilidade, simbolismo resultante da sua associação ao limo negro que ficava após a cheia anual do Nilo e que era a principal causa da fertilidade dos campos egípcios<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Vd. SIMPSON, W. K., “Egyptian Sculpture and Two-Dimensional Representation as Propaganda” in *JEA* 68, Londres, 1982, pp. 266-277.

<sup>6</sup> Sobre esta temática vd. KISCHKEWITZ, H., *Egyptian Drawings*, Londres/Nova Iorque, 1972.

<sup>7</sup> Vd. HORNING, E., *Idea into Image*, Nova Iorque, 1992, p. 30 e ainda KOZLOFF, A. P.; BRYAN, B. M., *Egypt's Dazzling Sun: Amenhotep III and His World*, Cleveland, 1992, p. 142.



## *A Pintura Egípcia*

A paleta egípcia incluía seis cores essenciais: o vermelho, o azul, o amarelo, o verde, o branco e o preto. Estas cores eram obtidas através de compostos minerais que retinham as suas características fundamentais, razão pela qual as pinturas egípcias sobreviveram ao tempo e conquistaram a eternidade.

O amarelo, por exemplo, associado ao ouro (a “carne dos deuses”) e ao sol, era a cor privilegiada na representação dos deuses, simbolizando, deste modo, o eterno e o imperecível. O azul, por outro lado, era utilizado preferencialmente para as representações do céu, da inundação primordial e da fénix, expressando, assim, a magia da vida e do renascimento. Caminhando ainda, por entre cores de conotações essencialmente benéficas, o verde, associado à natureza, símbolo do crescimento e da própria vida, exprimia também a ressurreição, numa clara associação à vida pós-morte que era muitas vezes designada como um “campo de malaquite”.

Numa conexão completamente oposta e resultante das experiências do dia-a-dia, os egípcios transformaram o vermelho na cor que mais associações tem com o que existia de maléfico nesta civilização. Ele simbolizava as zonas desérticas e o seu deus, Seth, bem como a raiva, a destruição e a morte. Esta cor era, ainda, usada pelos escribas para escrever os nomes de personagens hostis, dias de azar no calendário e a própria palavra “mal”. No entanto, e como é característico dos egípcios, o vermelho podia assumir também conotações benéficas, quando associado ao uso funerário do henné, e que se prendiam com a vida e a regeneração.

Assim, quando olhamos uma pintura egípcia, independentemente das diferentes simbologias, existe uma mensagem que perdura: a durabilidade dos materiais e a sabedoria com que foram utilizados permitiu que cada cor permanecesse e fosse capaz de cumprir a função mágica para que fora destinada – a imortalidade de uma civilização.

A eternidade, conseguida através de pequenas coisas como a cor, a dimensão e a localização, está também presente na acção que nos é relatada e que nos fala sobretudo, de um momento mágico de comunhão com a divindade, onde o rei, o protagonista por excelência desta relação com o divino, concretizava todos os rituais que permitiam, ao povo egípcio, estar em paz com os deuses.

Dentro deste contexto, a acção deve ser entendida, em primeiro lugar, como um universo que pode ser real, mítico ou propagandístico. A acção baseada na realidade é aquela que nos transporta para cenas que relatam acontecimentos que se passaram num determinado tempo histórico e que têm, mesmo assim, um forte significado simbólico. Podemos

inserir, nesta categoria, a “corrida” que o faraó realizava durante a sua festa-sed e que podia ser interpretada como uma forma de provar a robustez física que o habilitaria a continuar no governo do seu país<sup>8</sup>. Por outro lado, como acções míticas podemos considerar as que nos revelam o protagonista em actos considerados imaginários como, por exemplo, o faraó a aprender a manejar o arco e flecha sob a tutela de uma divindade, normalmente Hórus, Montu ou Seth, e que pretendem transmitir a relação de tutoria da divindade face ao rei. Por fim, as acções de cariz propagandístico, pretendem enaltecer o poder e força do faraó através da manipulação de acções reais. Isto sucede, por exemplo, em cenas de guerra em que o faraó é apresentado sózinho, no seu carro, disparando o arco de uma forma praticamente impossível e, ao mesmo tempo, segurando as rédeas do cavalo na sua cintura<sup>9</sup>.

Sejam reais, míticas ou propagandísticas, as acções que nos surgem nas paredes dos templos, têm como principal função expressar a relação que o povo egípcio, por intermédio do seu rei, estabelece com o divino, através de imagens que nos falam dos diferentes rituais.

Um dos actos rituais mais importante, no Egipto antigo, era a da oferta de Maat aos deuses<sup>10</sup>. Maat, símbolo da ordem cósmica, política e individual, da harmonia e da justiça, era garantida, na terra, pelo faraó e, simbolicamente, deveria ser devolvida por este à origem, ao seu lugar divino, como prova da sua manutenção.

Mas, o simbolismo da acção não será completamente atingido se não contar com um outro tipo de simbólica: a do gesto. Gestos que podem transmitir sentimentos de dominação, submissão, protecção, alegria e invocação, através de uma simples mudança de postura do interveniente na acção<sup>11</sup>. Uma pintura egípcia composta de gestos e actos rituais, assim como de cor e dimensão, permite a realização de uma função simbólica muito importante aos olhos dos egípcios antigos: a de preservar o mundo

---

<sup>8</sup> Vd. BONHÊME, M.-A.; FORGEAU, A., *Pharaon, les secrets du Pouvoir*, Paris, Armand Colin, 1988, pp. 300-301.

<sup>9</sup> Vd. WILKINSON, R. H., “The Representation of the Bow in the Art of Ancient Egypt and the Near East”, *JANES* 20, Nova Iorque, 1991, pp. 83-99 e, ainda, ROBINS, G., “Problems in Interpreting Egyptian Art”, *DE* 17, 1990, p. 54.

<sup>10</sup> Vd. TEETER, E., *The Presentation of Maat: the Iconography and Teology of an Ancient Egyptian Offering Ritual*, Chicago, 1990.

<sup>11</sup> Vd. WILKINSON, R. H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, Londres, Thames and Hudson Ltd, 1994, pp. 194-195.



e apaziguar os deuses para todo o sempre, garantindo a continuidade da vida no país do Nilo.

Gestos, acções, cores....componentes de uma história narrada por imagens mas, muitas vezes, também por palavras. Palavras que se compunham de signos considerados mágicos e que, devido à sua semelhança com os objectos da vida, do quotidiano ou com as diferentes manifestações da natureza e do Cosmos, se acreditava terem vida e, por isso, serem capazes de acções benéficas ou maléficas<sup>12</sup>. Esta concepção está de tal forma enraizada na cultura egípcia que, ao construírem um texto, os egípcios antigos mutilavam os signos que consideravam mais perigosos para os futuros leitores. Entendemos, assim, o simbolismo inerente à mutilação de signos como a cobra, à qual se cortava a extremidade oposta à cabeça com a finalidade de a impedir de se movimentar e de prejudicar o receptor da mensagem. Por outro lado, existem signos que se acreditavam estarem repletos de forças positivas e que, por essa razão, acabaram por se transformar em amuletos<sup>13</sup>. A dualidade signo/amuleto está presente no dia-a-dia egípcio em vários exemplos: no signo *ankh* que ganha o potencial simbólico de símbolo da vida, no *djed* (pilar de Osíris) que se torna símbolo de estabilidade, no *nefer* que passa a simbolizar a felicidade e boa-sorte e no signo *kheper* que transmite a essência da crença na eternidade, isto é, o potencial de vida e ressurreição.

Como podemos constatar, todos os pequenos simbolismos que acabámos de trabalhar contribuíram para a construção de uma pintura enquanto um todo perceptível aos olhos de quem a construiu e de quem, posteriormente, a observou. Através da técnica, do engenho e da arte, os egípcios antigos conseguiram tornar o seu momento presente num momento eterno, transmitindo para todo o sempre, e através da magia da palavra, da cor, da acção, da forma e da localização, a mensagem de eternidade que sustentava a sua civilização.

---

<sup>12</sup> Vd. SCHENKEL, W., "The Structure of Hieroglyphic Script", *RAIN 15*, Londres, 1976, pp. 4-7.

<sup>13</sup> Vd. R. T. R., Clark, *Myth and Symbol in Ancient Egypt*, Thames and Hudson Ltd, 1978, pp. 218-256.